

A VIAGEM DE UM NAVIO HOLANDÊS AO BRASIL

J. Litjens

A Associação Linschoten, que tem por finalidade a publicação de relatos de viagens holandesas, marítimas e terrestres, bem como a descrição de países, incluiu em sua coleção a narrativa da viagem da S. M. **De Vlieg**, ao Brasil, em 1807/1808, e impressa em Haia, em 1975, por Martinus Nijhoff.

No período que vai de 1795 a 1813, a Holanda esteve anexada à França. Desastrosa união, como se sabe. Com o objetivo de estender suas fronteiras até o Reno, Napoleão promoveu a referida anexação, graças à qual a Holanda se tornou inimiga de sua velha aliada, a Inglaterra, o que veio a causar grandes prejuízos aos holandeses. Em 1805, a vitória de Trafalgar assegurou livre curso à Inglaterra, que passou a atacar a frota holandesa na Índia Oriental, destruindo-a quase totalmente no ano seguinte.

O bloqueio inglês dificultou enormemente qualquer reação holandesa. Ainda assim, Daendls, nomeado para o governo da Índia em 1807, tentou viajar sigilosamente, utilizando um navio neutro, de nacionalidade portuguesa, partindo de Lisboa. Mas, não confiando muito no êxito de sua tentativa, deixou o navio partir com os seus acompanhantes, enquanto ele próprio permaneceu em Tenerife, sob nome falso. O navio, de fato, acabou sendo capturado pelos ingleses.

Nova tentativa levou a Holanda a armar, também sigilosamente, um navio que não despertasse muito a atenção dos inimigos, o **De Vlieg**, que deveria alcançar Tenerife dando a volta pelo norte da Inglaterra. Em Tenerife, deveria apanhar Daendls e levá-lo à Batávia. Além do comandante Willem Kreekel, participaram da viagem o tenente Ver Huell, que já havia servido na flotilha da Batávia e o cadete J. C. Baud. Muitos anos mais tarde, em 1849, Ver Huell publicou em Rotterdam a descrição dessa viagem, a que deu o título de **Minha primeira viagem marítima**. Além da expedição de **De Vlieg**, o livro trata, também, de sua estada no Brasil até 2 de julho de 1810 e da volta ao seu país. A Associação Linschoten publicou, também, este livro.

O navio de guerra **De Vlieg**, era relativamente velho; contava 21,20m de comprimento por 5,66m de largura. Quando carregado, atingia uma profundidade de 3m. Era navio discreto, que poderia zarpar de qualquer porto, sem levantar suspeitas.

Aos 26 de julho de 1807, Kreekel partiu de Amsterdam, mas, devido ao bloqueio, só conseguiu sair de Vlieland no dia 23 de agosto. Navegando em torno da Escócia, ancorou no dia 26 de setembro em frente à Santa Cruz. Daendls, no entanto, havia partido treze dias antes, depois que teve oportunidade de adquirir um navio americano. Após duas semanas e com os necessários reparos, a viagem teve prosseguimento. A 13 de novembro avistou-se inesperadamente um esquadrão inglês que havia atacado Buenos Aires, onde fora derrotado. Iniciou-se uma perseguição, na qual **De Vlieg** sofreu tanto devido ao rápido velejamento, que dez minutos após a desistência dos ingleses, os dois mastros se quebraram. Com uma vela de emergência, conseguiu chegar a Salvador, na Bahia, porto ainda neutro. Era o dia 22 de novembro de 1807.

Por essa mesma ocasião, uma tropa francesa, sob o comando de Junot, havia invadido Portugal e, a 27 de novembro, a corte portuguesa se trasladara para o Brasil, comboiada por um navio de guerra inglês.

Justamente no dia em que **De Vlieg** deveria deixar o hospitaleiro porto do Salvador, a 22 de janeiro de 1808, a frota portuguesa arribou à antiga capital do Brasil. **De Vlieg** foi seqüestrado, recebeu posteriormente o nome de **Mosca** e continuou servindo ao Brasil. Não foi por inimizade que isto ocorreu, mas o pretexto foi a represália por terem mantido e vendido navios portugueses na Holanda. O comandante Kreekel e seus companheiros não foram considerados prisioneiros, receberam até algum dinheiro e tiveram liberdade de procurar hospedagem em casas particulares. Alguns conseguiram escapar, mas o comandante e parte da tripulação passaram mais de dois anos em Salvador, à espera de um acordo entre os governos da Holanda e Portugal.

O livro contém, além do diário de bordo, recordações da viagem do cadete J. C. Baud; descendente de huguenotes franceses, era um jovem muito culto, com bom conhecimento de línguas. Após seus estudos na Academia Militar de Breda, foi incluído na tripulação de **De Vlieg**. E depois do seqüestro, conseguiu, através de uma viagem aventureira, passando pela América do Norte, chegar à Holanda em 1810. Progrediu muito na vida. Após a reconquista de Java, foi nomeado Secretário do Governo Holandês Recuperado. Foi promovido com regularidade, conseguindo seu cargo mais elevado como Governador-Geral da Índia Holandesa, e, depois, retornando à Holanda, como Ministro das Colônias e da Marinha.

O relato de Baud sobre sua permanência é breve, mas muito interessante (págs. 178 a 214). Sendo calvinista rigoroso, descreve nitidamente a situação social e religiosa de Salvador naquela época, a posição dos portugueses e a pouca cultura e posição das mulheres. Ao lado disso, também trata do veneno fatal que era derramado pela escravidão, a imoralidade dos escravos tendo como consequência a dos seus próprios senhores. Apesar de ainda persistirem rastros desse passado, podemos-nos rejubilar com o grande desenvolvimento que, desde então, o Brasil tem tido em todos os aspectos: